

**OBSERVATÓRIO DA VIOLÊNCIA E DOS DIREITOS HUMANOS DA URCA: A VIOLÊNCIA EM PAUTA DE DISCUSSÃO****Grayce Alencar Albuquerque**<sup>1</sup>**Íris Evangelista da Silva**<sup>2</sup>**Maria Clara Tavares Arrais**<sup>3</sup>**Wanessa Rayelle Siqueira Matias**<sup>4</sup>**Davi Soares da Silva**<sup>5</sup>**Lorena Farias Rodrigues Correia**<sup>6</sup>**Maria Rita Santos de Deus Silveira**<sup>7</sup>**Área temática:** Direitos Humanos e Justiça, Educação

<sup>1</sup> Professora, Doutora, Universidade Regional do Cariri, Departamento de Enfermagem, Enfermagem, coordenadora do programa. E-mail: [grayce.alencar@urca.br](mailto:grayce.alencar@urca.br)

<sup>2</sup> Estudante, Universidade Regional do Cariri, Direito, bolsista do Observatório da Violência Contra a Mulher. E-mail: [iris.evangelista@urca.br](mailto:iris.evangelista@urca.br)

<sup>3</sup> Estudante, Universidade Regional do Cariri, Direito, bolsista do Observatório da Violência Contra a Mulher. E-mail: [mariaclara.tavaresarraes@urca.br](mailto:mariaclara.tavaresarraes@urca.br)

<sup>4</sup> Estudante, Universidade Regional do Cariri, Direito, bolsista do Observatório da Violência Contra a Mulher. E-mail: [wanessa.rayelle@urca.br](mailto:wanessa.rayelle@urca.br)

<sup>5</sup> Estudante, Universidade Regional do Cariri, Ciências Econômicas, bolsista do Observatório da Violência Contra a Mulher. E-mail: [davi.soares@urca.br](mailto:davi.soares@urca.br)

<sup>6</sup> Estudante, Universidade Regional do Cariri, Enfermagem, bolsista do Observatório da Violência Contra a Mulher. E-mail: [farias@urca.br](mailto:farias@urca.br)

<sup>7</sup> Estudante, Universidade Regional do Cariri, Enfermagem, bolsista do Observatório da Violência Contra a Mulher. E-mail: [mariarita.silveira@urca.br](mailto:mariarita.silveira@urca.br)

## RESUMO

O Observatório da Violência e dos Direitos Humanos da Região do Cariri objetiva o monitoramento dos dados da violência contra a mulher e a realização de atividades educativas objetivando disseminação e enfrentamento da problemática, especialmente nos municípios de Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha e Iguatu, no Estado do Ceará. Além de desenvolver atividades com o intuito de prevenção e combate à violência contra a mulher, também atua no enfrentamento da violência em outros grupos vulneráveis por meio de ações de sensibilização. Assim, durante 2022, por meio de *check list* próprio, foram realizadas coletas acerca do perfil de vitimização da mulher na rede de enfrentamento dos municípios listados (assistência social e saúde), bem como, ações educativas por meio de *lives* e produção de materiais educativos (cartilhas). Tem-se um total de 411 notificações de violência contra a mulher registradas, predominando como vítimas mulheres adultas (30-59 anos), com escolaridade ignorada, vínculo com agressor cônjuge e ex-cônjuge e vítimas de violência física. As *lives* voltaram-se para abordar a violência psicológica, ainda muito subnotificada, e a cultura patriarcal. Cartilhas educativas sobre violência contra outros públicos estão sendo finalizadas. Conclui-se que se faz necessário um trabalho complexo no enfrentamento da violência para redução do agravo.

**Palavras-chave:** Mulher. Observatório. Violência.

## URCA VIOLENCE AND HUMAN RIGHTS OBSERVATORY: VIOLENCE ON THE AGENDA OF DISCUSSION

### ABSTRACT

The Observatory of Violence and Human Rights of the Cariri Region aims to monitor data on violence against women and carry out educational activities aimed at disseminating and confronting the problem, especially in the municipalities of Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha and Iguatu, in State of Ceara. In addition to developing activities aimed at preventing and combating violence against women, it also works to combat violence in other vulnerable groups through awareness-raising actions. Thus, during 2022, through its own checklist, collections were carried out on the profile of women's victimization in the coping network of the listed municipalities (social assistance and health), as well as educational actions through *lives* and production of educational materials. (booklets). There are a total of 411 reports of violence against women registered, predominantly adult women (30-59 years old), with unknown education, bond with aggressor spouse and ex-spouse and victims of physical violence. The *lives* turned to address psychological violence, still very underreported, and patriarchal culture. Educational booklets on violence against other audiences are being finalized. It is concluded that a complex work is necessary in the confrontation of violence to reduce the grievance.

**Keywords:** Woman. Observatory. Violence.

## 1 INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é um fenômeno de conceituação complexa e multicausal, cuja compreensão atravessa uma trama de aspectos políticos, religiosos, sociais, culturais e econômicos. Tal agravo revela-se persistente na atualidade, impactando em danos que afetam de modo significativo a saúde da população feminina, gerando prejuízos sociais e preocupação de coletivos e gestores no que se refere à efetivação de políticas públicas de enfrentamento (OMS, 2014), sendo motivo constante de debates e reivindicações pelo movimento feminista.

O estado do Ceará se encontra como um dos estados brasileiros em que mais mulheres são violentadas, com destaque para os municípios do interior cearense, fazendo-se necessário conhecer o perfil das mulheres vitimizadas e disseminar informações educativas à população sobre esse agravo, para que possam reconhecê-lo e enfrentá-lo.

Nesse sentido, destaca-se o papel e a importância do Observatório da Violência e dos Direitos Humanos da Região do Cariri, da Universidade Regional do Cariri (URCA), criado no ano de 2015 com a finalidade de se tornar referência regional no monitoramento da violência e do desrespeito aos direitos humanos, bem como, contribuir por meio de atividades educativas na discussão da problemática, tendo papel importante na consolidação de ações de extensão e ensino, realizando ações de sensibilização e campanhas relacionadas ao tema.

Nessa perspectiva, o Observatório da Violência do Cariri inicia suas atividades frente ao combate da violência contra a mulher por meio de ações de monitoramento dos dados na rede de enfrentamento, atividades educativas nas mídias e produção de materiais educativos sobre os mais variados tipos de violência que atingem populações vulneráveis.

O Observatório mantém uma equipe de alunos bolsistas que realizam cotidianamente coleta de dados primários, através de um *check list* próprio, nos órgãos da rede enfrentamento, como os serviços de segurança pública (Núcleo de Enfrentamento à Violência contra a Mulher - NUDEM em Crato, Patrulha Maria da Penha Crato e Juazeiro do Norte), saúde (Vigilância Epidemiológica das Secretarias de Saúde do Crajubar e Iguatu) e assistência social (Centro de Referência da Mulher - CRM em Juazeiro do Norte, Crato e Iguatu). A partir dos dados coletados, o Observatório realiza análise sistemática do perfil das vítimas, agressores, tipologia das violências e atuação da rede de enfrentamento local. Os indicadores produzidos são compartilhados com gestores, profissionais que compõem a rede, o coletivo de mulheres e população em geral e subsidiam as atividades educativas realizadas.

Frente às atividades educativas em decorrência do retorno gradual dos serviços frente à pandemia, o Observatório vem desenvolvendo *lives* pelo *instagram* que já foram assistidas por 233 pessoas até o momento. As cartilhas educativas estão em fase final de elaboração.

Assim, a partir da produção de indicadores de violência contra o público feminino no complexo Crajubar (Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha) e Iguatu, o Observatório da Violência torna-se relevante por contribuir para o fortalecimento local da rede de enfrentamento à violência contra a mulher, objetivando a redução desse fenômeno na Região do interior do Cariri, a partir da visibilização de suas ocorrências e impactos, assim como articulando atividades educativas de sensibilização e conscientização da população de um modo geral para o (re)conhecimento do problema na região e seu enfrentamento.

Portanto, acredita-se que as atividades de pesquisa e extensão realizadas pelo Observatório da Violência da URCA são importantes para subsidiar discussões, uma vez que se apresentam como evidências quanto à necessidade de mudanças estruturais na rede local de enfrentamento da violência contra a mulher.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) pode-se definir violência como uma força intencional com o objetivo de provocar danos em si mesmo ou em terceiros de diferentes formas, como, por exemplo, o uso da agressão física ou verbal.

No entanto, observa-se que esse fenômeno está associado à estrutura social patriarcal ainda enraizada na sociedade, onde se estabelecem relações de poder no qual a figura do homem é vista como superior ao da mulher, caracterizando uma desigualdade de gênero e resultando em discriminações e violência (Lira; Barros, 2015). De acordo com os dados da Organização Mundial da Saúde uma em cada três mulheres ao longo de sua vida - cerca de 736 milhões de pessoas - sofreram algum tipo de violência (OMS, 2021). Esse tipo de violência contra as mulheres em sua maioria é perpetrado pelo parceiro ou ex-parceiro da vítima, sendo esta modalidade concebida como violência doméstica e familiar contra a mulher (Brasil, 2006).

Segundo a Lei Maria da Penha, nº 11.340 de 2006 (Brasil, 2006) em seu art.5º, o conceito de violência doméstica e familiar contra a mulher é caracterizado como qualquer ato que possa causar danos psicológico, sexual ou até mesmo a sua morte. Além disso, a criação desta Lei foi de fundamental importância, pois além de ampliar o conceito da violência

doméstica também caracteriza alguns tipos de violência, sendo elas, a física, psicológica, sexual, patrimonial e moral.

No entanto, conforme descreve sua história, Maria da Penha (Penha, 2012), em sua obra “Sobrevivi.. Posso Contar” afirma que a vítima ainda permanece em situação de violência na crença de que esta é apenas uma fase e que podem acontecer mudanças em relação ao agressor, como também pelo sentimento de culpa, ou acometidas pela vergonha, medo e dependência financeira e emocional. Maria da Penha (Penha, 2012) reforça que a violência doméstica contra a mulher obedece a um ciclo que se caracteriza pelo pedido de perdão e promessas de que nunca mais o ato violento vai acontecer por parte do agressor. No entanto, sabe-se que esta não é a realidade e a mulher se mantém presa ao ciclo abusivo, necessitando de apoio para libertação, sendo necessário uma rede de enfrentamento efetiva nesse caso.

As redes de enfrentamento a violência contra a mulher atuam em um papel fundamental, sendo elas, as instituições/serviços governamentais, não-governamentais e a também a comunidade, tendo como intuito a efetivação dos quatro eixos previstos na Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres - combate, prevenção, assistência e garantia de direitos (SPM, 2011). Tal política deve ser abraçada por todos serviços e sociedade, a exemplo do Observatório da Violência e dos Direitos Humanos da URCA.

Destaca-se que apesar do Observatório da Violência da URCA diariamente desenvolver atividades voltadas à prevenção e ao combate da violência contra a mulher, outros tipos de violência e grupos também são pautas de estudos e preocupação, como a violência contra os idosos, crianças e adolescentes, que também são grupos vulneráveis na sociedade.

Dessa forma, entende-se o eixo da prevenção das violências como primordial ao Observatório, uma vez que são realizadas atividades educativas, como *lives* e cartilhas de uma forma mais dinâmica e exemplificativas para informar e abranger o máximo de pessoas possíveis com diferentes temáticas sobre várias tipificações da violência.

Sendo assim, faz-se importante ressaltar à sociedade o enfrentamento e o reconhecimento da violência, dos canais de denúncias e das redes de apoio. Nesse sentido, o Observatório da Violência além de realizar um mapeamento dos casos apresentando-os à sociedade, atua na discussão e disseminação de informações de sua ocorrência para o devido enfrentamento.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Visando o desenvolvimento das atividades do Observatório da Violência, apresenta-se alguns dados referentes ao resultado parcial do monitoramento de dados da violência contra a mulher no Crajubar e Iguatu, totalizando 412 vítimas, uma vez que os mesmos ainda estão sendo coletados (tabela 01).

**Tabela 01** - Perfil dos casos de violência contra a mulher coletados nos municípios de Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha e Iguatu em 2022.

Variável	Nº absoluto	Nº Relativo (%)
<b>Idade</b>		
Idade em Anos Ignoradas	112	27,18%
Idade em Anos < 1 a 11 anos	5	1,21%
Idade 12 a 17 anos	26	6,31%
Idade 18 a 29 anos	85	20,63%
Idade 30 a 59 anos	168	40,77%
Idade 60 anos ou mais	16	3,88%
Total	412	100%
<b>Cor</b>		
Raça cor branca	47	11,40%
Raça cor preta	28	6,79%
Raça cor parda	156	37,86%
Raça cor amarela	3	0,72%
Raça cor indígena	0	0%
Raça cor ignorado	178	43,20%
Total	412	100%
<b>Escolaridade</b>		
Escolaridade Analfabeto	5	1,21%
Escolaridade Ignorada	149	36,16%
Escolaridade 1º Grau Incompleto	49	11,89%
Escolaridade 1º Grau Completo	45	10,92%
Escolaridade 2º Grau Incompleto	25	6,06%
Escolaridade 2º Grau Completo	103	25%
Escolaridade Superior Incompleto	12	2,91%
Escolaridade Superior Completo	22	5,33%
Alfabetizada	2	0,48%
Total	412	100%

<b>Estado civil</b>		
Solteiro/a	99	24,02%
Casado/a e/ou união estável	83	20,14%
Viúvo/a	3	0,72%
Separado/a	32	7,76%
Namorando/ficando	5	1,21%
Divorciado/ a legalmente	1	0,24%
Não se aplica	37	8,98%
Ignorado	152	36,89%
Total	412	100
<b>Vínculo com agressor</b>		
Pai	3	0,72%
Mãe	4	0,92%
Padrasto	1	0,24%
Madrasta	2	0,48%
Cônjuge	69	16,74%
Ex-cônjuge	53	12,86%
Namorando/a	13	3,15%
Ex-namorado/a	39	9,46%
Filho/a	14	3,39%
Irmão/ã	8	1,94%
Amigos/ as conhecidos/as	20	4,85%
Desconhecidos/as	10	2,42%
Pessoa c/relação institucional	1	0,24%
A própria	44	10,67%
Outros	30	7,28%
Ignorado	101	24,51%
Total	412	100%
<b>Tipo de violência sofrida</b>		
Física	213	31,04%
Psicológica/moral	184	26,82%
Sexual	38	5,53%
Patrimonial	50	7,28%
Financeira	1	0,14%
Negligência/abuso	3	0,43%
Ameaças	69	10,05%

Virtual	4	0,58%
Ignorada	76	11,07%
Outros	48	6,99%
Total	686	100%
<b>Meio de agressão</b>		
Força/Espaçamento	124	26,06%
Enforcamento/sufocação	5	1,07%
Objeto contundente	6	1,28%
Arma Branca	10	2,14%
Queimadura	2	0,47%
Objeto pérfuro-cortante	19	4,07%
Substância/objeto quente	6	1,28%
Envenenamento/intoxicação	36	7,72%
Arma de fogo	7	1,50%
Ameaças	85	18,24%
Outros	47	10,08%
Ignorado	119	25,53%
Total	466	100%

Obs: Tipo de violência e meio de agressão poderia marcar mais de uma alternativa.

Quanto ao perfil das mulheres vitimizadas, observa-se que a maioria é adulta (entre 30 a 59 anos) com 40,77%. Quanto à cor, a maioria dos registros são ignorados (43,20%). Frente à escolaridade, a maioria das vítimas teve sua escolaridade ignorada nos registros coletados, com 36,16%, conforme Tabela 02; estando em segundo lugar àquelas com o 2º grau completo, com 25%. É importante destacar que a baixa escolaridade eleva a vulnerabilidade feminina às situações de violência por tornar a mulher mais dependente do parceiro, financeiramente e psicologicamente (Zart; Scortegagna, 2015).

No que se refere ao estado civil das mulheres vitimizadas, a maioria estava casada e/ou em união estável, com 20,14%, sendo o principal agressor o cônjuge (16,74%) e ex-cônjuge (12,86%) seguido de ignorado (24,51%). O fato de estarem casadas ou em união estável, em sua maioria, associa-se ao aspecto das desigualdades de gênero, que incutem no marido/parceiro a superioridade mediante a parceira, a qual deve ser sempre submissa às suas vontades (Lira; Barros, 2015).

Frente aos tipos de violência se destaca a física (31,04%) e o uso da força e espancamento como principal meio de agressão com 26,60%. Destaca-se que em sua maioria,



a violência física culmina na necessidade de assistência à saúde (Leye et al., 2017), o que viabiliza a realização da notificação compulsória.

Objetivando reduzir tais números, foram realizadas atividades educativas e de sensibilização para a população sobre a violência contra a mulher na região do Cariri por meio de *lives* no *instagram* do Observatório.

A primeira transmissão ao vivo foi sobre A Influência da Cultura Patriarcal na Violência contra a Mulher, ocorrida no dia 17 de agosto de 2022 com o total de 54 visualizações. A *live* abordou diversos assuntos relacionados à temática, discutindo situações que reforçam a cultura patriarcal como as frases machistas utilizadas pelo cônjuge, a ideia do homem ser superior a mulher, os cargos ocupados e salários de homens e mulheres, sendo indicados alguns filmes e séries para melhor compreensão, e também foi aberto espaço para o público realizar perguntas ou algum comentário.

**Figura 01** - *Live* sobre A Influência da Cultura Patriarcal na Violência contra a Mulher, 2022.



**Fonte:** Instagram do Observatório da violência contra a mulher

Outra *live* realizada no dia 24 de Outubro de 2022 que teve como temática a Violência Psicológica contra a Mulher e os Impactos causados à Saúde Mental, somando 179 visualizações. Esta *live* teve por objetivo discutir o que é e como ocorre a violência psicológica, bem como o ciclo dessa violência, a relação de dependência emocional das vítimas com abusadores, o motivo das vítimas não denunciarem e as formas de tratamento psicológico e de ajuda além do meio judicial.

**Figura 02** - Live sobre a Violência Psicológica contra a Mulher, 2022.

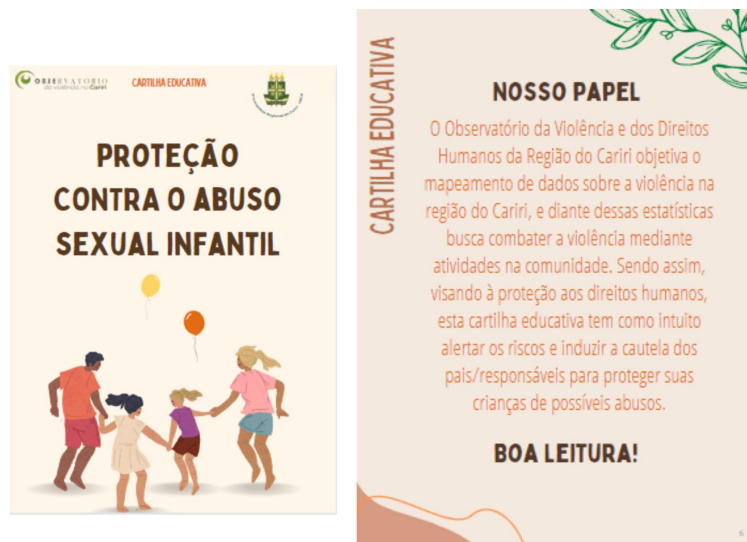


**Fonte:** Instagram do Observatório da Violência contra a Mulher

Ademais, o Observatório com o intuito de atingir todos os públicos e diversos tipos de violência, trabalhou na produção de cartilhas educativas sobre a violência, tendo em vista que outras pessoas da sociedade, como crianças e adolescentes, encontram-se em situação de vulnerabilidade e com seus direitos humanos violados. As cartilhas educativas são materiais didáticos que servem como meio de comunicação, de forma que o conteúdo explanado nas cartilhas reflete uma problemática da sociedade (COLLARES, 2011).

Neste sentido, uma das cartilhas produzidas abordou a temática da Violência Sexual Infantil, e teve como objetivo apresentar a sociedade o que é a violência sexual infantil, bem como os seus tipos, o público alvo dessa violência, os principais abusadores e os ambientes de ocorrência, como também, identificar o abuso sexual em crianças, a importância da educação sexual, as formas de prevenção e as redes de apoio.

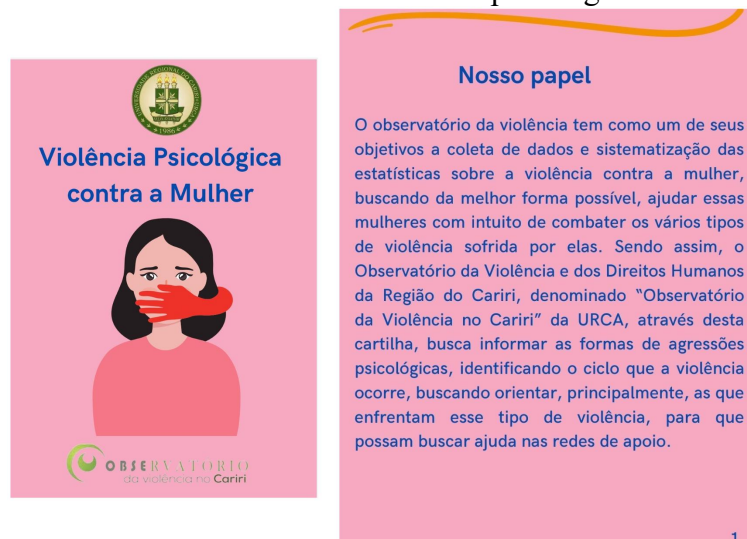
**Figura 03** - Cartilha educativa sobre a violência sexual infantil, 2022.



**Fonte:** Cartilha: Proteção contra o Abuso Sexual Infantil

Por conseguinte, a Violência Psicológica contra a Mulher também foi temática de uma das cartilhas, visto que muitas vezes, passa despercebida como um tipo de violência por não se manifestar de forma física. E por isso, a cartilha aborda o que é a violência, como identificá-la, condutas que caracterizam a violência, a importância da mulher se conhecer como vítima, o que fazer após se reconhecer e as redes de apoio que podem ajudá-las

**Figura 04** - Cartilha educativa sobre a violência psicológica contra a mulher, 2022.



**Fonte:** Cartilha: Violência Psicológica contra a Mulher

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, tendo em vista o cenário crescente da violência contra a mulher é preciso discutir a temática visando o conhecimento social da violência e as redes de apoio. O conhecimento social da violência objetiva uma consciência da sociedade e da vítima em reconhecer os sinais da violência, assim como, as redes de apoio para denúncia e suporte. Além disso, é necessário trazer um novo olhar sob uma perspectiva educativa incluindo todos os públicos buscando uma mudança dentro da sociedade patriarcal desde a infância.

É nesse contexto que o Observatório da Violência busca a coleta de dados dentro da região do Cariri, visando saber quem compõe o atual cenário de vítimas da violência, e apresentar esses dados à sociedade objetivando a consciência social da existência e proximidade da temática no cotidiano.

## 5 AGRADECIMENTOS

Por fim, agradecemos a Universidade Regional do Cariri que sem o seu apoio não seria possível a realização de todas as atividades proporcionadas e ao Fundo Estadual de Combate à Pobreza que proporciona auxílio financeiro aos bolsistas do projeto de extensão. Bem como, agradecemos às instituições onde são realizadas as coletas de dados da violência, como, a Secretária Municipal de Saúde, Centro de Referência da Mulher, Patrulha Maria da Penha dos municípios de Crato, Juazeiro, Barbalha e Iguatu.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, **Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006**, (Lei Maria da Penha).

COLLARES, S. A. O. O uso da cartilha progressiva (1907) nas escolas do estado do Paraná. In: **XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH. São Paulo, 2011.

KRUG EG et al., eds. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra, 2002.

LEYE, M. M. M. et al. Epidemiological, clinical and forensic physical violence against women in Tambacounda (Senegal). **Rev Epidemiol Sante Publique**, v. 65, n. 3, p. 189-196, 2017.

LIRA, K. F. S.; BARROS, A. M. Violência contra as mulheres e o patriarcado: um estudo sobre o sertão de Pernambuco. **Revista Ágora**, Vitória, n. 22, p. 275-297, 2015.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **OMS: uma em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência**, 2021. Disponível em:

<https://brasil.un.org/pt-br/115652-oms-uma-em-cada-3-mulheres-em-todo-o-mundo-sofre-violencia> Acesso em: 27 de out. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório Mundial sobre a Prevenção da Violência 2014**. Núcleo de Estudos da Violência (Trad.) São Paulo: 2015

PENHA, Maria da. **Sobrevivi... Posso Contar**. 2. ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. Presidência da República. **Rede de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres**. Brasília, 2011. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/rede-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres>. Acesso em 31 out. 2022.

ZART, L.; SCORTEGAGNA, S. A. Perfil sociodemográfico de mulheres vítimas de violência doméstica e circunstâncias do crime. **PERSPECTIVA**, Erechim. v. 39, n.148, p. 85-93, dez, 2015.

#### COMO CITAR

ALBUQUERQUE, Grayce Alencar; SILVA, Íris Evangelista; ARRAIS, Maria Clara Tavares; MATIAS, Wanessa Rayelle Siqueira; SILVA, Davi Soares; CORREIA, Lorena Farias Rodrigues; SILVEIRA, Maria Rita Santos de Deus. **Observatório da Violência e dos Direitos Humanos da URCA: a violência em pauta de discussão**. Revista de Extensão - REVEXT, v. X, n. Y, p. ZZ-ZZ, 2023.

**Recebido em 16 de dezembro de 2022**  
**Aceito em 24 de maio de 2024**